



*Agenda 150 Anos de Memória  
Histórica do Tribunal Bandeirante*

*Homenagem ao  
Desembargador Oni Raphael Pinheiro  
Cricchio*

*12/11/2015*

# ÍNDICE

Clique nas chamadas para ser remetido para a página onde se localiza o texto

DISCURSO - Des. Sebastião Oscar Feltrin (Orador em nome do Tribunal de Justiça de São Paulo)

DISCURSO PROFERIDO EM NOME DA FAMÍLIA - José Ruben Marone (sobrinho do homenageado)

ENCERRAMENTO - Des. José Renato Nalini (Presidente do Tribunal de Justiça)

A Corte paulista, em cerimônia realizada no Palácio da Justiça, homenageou o desembargador **Onei Raphael Pinheiro Oricchio**, em continuidade à Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal Bandeirante.

O Judiciário paulista homenageou o desembargador Onei Raphael Pinheiro Oricchio, em evento realizado pelo projeto **Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal de Justiça Bandeirante**, cujo objetivo é relembrar grandes profissionais que passaram pela Corte. Integrantes do Judiciário, familiares e amigos do desembargador se reuniram no Salão do Júri do Palácio da Justiça para a cerimônia, que abordou sua trajetória de vida e contribuições jurídicas.

Natural de Campinas, Onei Raphael Pinheiro Oricchio nasceu em janeiro de 1923. Formou-se pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), turma de 1948. Antes de ingressar na Magistratura, foi Promotor de Justiça. Em 1954 assumiu o cargo de juiz substituto na 7ª Seção Judiciária, com sede em Mogi Mirim. Atuou, também, nas comarcas de Nova Granada, Itapira e São Paulo. Em 1972 foi promovido a juiz do Tribunal de Alçada Criminal e, após sete anos, a desembargador do TJSP. Foi 2º vice-presidente do TJSP no biênio 1988/1989 e corregedor-geral da Justiça de São Paulo no biênio 1990/1991. Faleceu em 14 de novembro de 2008.

A incumbência de discursar em nome do Tribunal de Justiça coube ao desembargador **Sebastião Oscar Feltrin**, que se disse honrado em poder prestar uma homenagem ao colega:

Atendendo ao convite para homenagear o Desembargador **ONEI RAPHAEL**, agradeço esta amável convocação, ao tempo em que também cumprimento todos os presentes e familiares, com destaque para d. Guiomar Milan Sartori Oricchio, sua esposa, a quem também são tributados os nossos respeitos.

Registro, desde logo, a iniciativa do nosso Presidente **RENATO NALINI** ao idealizar essa prestigiada e tão comemorada “**Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal Bandeirante**”.

Feliz a iniciativa porque, como já tantas vezes repetido, “um povo sem memória é um povo sem história. E um povo sem história está fadado a cometer no presente e no futuro, os mesmos erros do passado”.

A frase traduz a importância da preservação de nossa história, mais especificamente da Memória do Tribunal de Justiça de São Paulo, rico em tradições e vultos que por aqui passaram.

Honra-me, portanto, a oportunidade que me foi oferecida de ser o porta voz da realização deste evento, em que se presta tão justa homenagem ao Desembargador **ONEI RAPHAEL** que emprestou o seu talento e sua dignidade profissional para sempre elevar a Instituição a que pertenceu.

Seu *curriculum vitae* é longo e de todos os presentes conhecido. Natural de Campinas, onde nasceu em 18 de janeiro de 1923, faleceu nesta Capital em 14 de novembro de 2008. Embora dispensável sua leitura completa, destaco que o nosso homenageado bacharelou-se pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, USP, turma de 1948. Ingressou na magistratura em 1954, tendo judicado nas comarcas de Mogi Mirim, Nova Granada, Itapira, São Paulo, depois promovido para o Tribunal de Alçada Criminal e finalmente para o Tribunal de Justiça, onde permaneceu até sua aposentadoria, exercendo ao longo deste período inúmeras atividades jurídicas e culturais.

Este resumido perfil do saudoso Desembargador – impõe-me a lealdade lembrar neste momento – a belíssima página escrita pelo nosso Presidente **RENATO NALINI**, quando do falecimento do nosso homenageado no ano de 2008.

Com mãos de mestre e invulgar sensibilidade, o Presidente Nalini enalteceu a figura do homem e do juiz **ONEI RAPHAEL** e fazendo minhas as suas palavras, tomo a liberdade de transcrevê-las porque de alto significado neste momento em que aqui estão reunidos muitos dos seus amigos e colegas que tiveram o privilégio



de com ele conviver por largo período.

“A morte física levou o desembargador ONEI RAPHAEL PINHEIRO ORICCHIO em 14.11.2008. Com ele parte um capítulo intenso da História da Justiça Bandeirante. Era um repositório enciclopédico de acontecimentos forenses recapitulados em narrativa muito além de atraente. Era um ‘causeur’ estupendo. Nomes e datas, episódios folclóricos, vinculações e parentescos, tudo ele dominava com verve singular, para reconstruir décadas relevantes do povo de Piratininga.

Leitor voraz, de tudo tomava ciência e revisitava os preferidos de forma incessante. Tudo isso contribuiu para que sua carreira na Magistratura fosse também invulgar.

Notabilizou-se no Tribunal de Alçada Criminal e no Tribunal de Justiça chegou à Corregedoria Geral. Cercou-se de equipe diferenciada e orgulhava-se de sua seleção. Assumia as responsabilidades correccionais e a defesa intransigente da Magistratura.

Era um homem heráldico e de hábitos às vezes insólitos. Seu temperamento forte surpreendia. Assim é que não hesitava em tomar atitudes firmes, de severidade e rigor já em certo desuso, perante a flexibilização dos comportamentos.

Mas a sua inflexibilidade reafirmava a permanência dos valores da Justiça. Mostrava na prática a seriedade do território que ao juiz fora dado explorar e que aos poucos a leniência, a lassidão e o depauperamento dos costumes estavam a derruir. Nunca desistiu de uma função correccional docente. Procurava conduzir o jovem juiz a uma postura compatível com a relevância da função judicial numa unidade da Federação com a tradição paulista. Insistia na retomada de padrões que a generalizada queda de qualidade nas relações sociais banuiu do convívio forense.

São-paulino fanático, gostava de tripudiar sobre os adversários quando das vitórias de seu time. Já nem sempre aceitava provocações quando o êxito se invertia.

Era apaixonado, chegava a ser irascível ao reagir indignado àquilo que considerava afronta a um paradigma na mais clássica concepção da figura de um magistrado. Inúmeros episódios poderão ser rememorados por quem com ele conviveu. Aguardase que Paulo Bomfim, outra enciclopédia acadêmica, possa municiar a memória judicial desses fatos, agora com engenho e arte.

A verdade é que ONEI RAPHAEL PINHEIRO ORICCHIO foi um juiz cujos coetâneos não podem se esquecer.

Honrou a Justiça e a ela devotou sua vida. Enquanto em atividade, mesmo ainda não eleito para a Corregedoria, era um formador de caráter.

Acreditava num modelo de juiz e investiu na busca desse ideal. Nunca se satisfez apenas com o cumprimento de seu dever. Era nítido um sentimento de pertença a uma instituição pela qual se sentia responsável. Acumulou sofrimentos e incompreensões, como é próprio a quem se destaca da mesmice. Viveu intensamente, vibrou com a Justiça, irou-se com a injustiça. Era um homem de caráter. Não temia tomar partido. Respondia por seus atos. Não padecia da ambiguidade – mal terrível desta era da hipocrisia.

Dele se pode dizer que não foi um daqueles ‘mornos’ do Evangelho, de quem o Salvador disse que a Providência os cuspiria de seu destino. Viverá como exemplar raro de quem conferiu à toga mais do que o respeito devido.

Conferiu amor e paixão. Fenômeno que deveria inspirar os que não conseguem vislumbrar na carreira mais do que uma profissão burocrática”.

Esta página, de rara beleza – repito – dispensaria outros comentários, mas na condição de assessor de seu gabinete na Corregedoria Geral, no 5º andar deste Palácio da Justiça, devo aqui dar o meu depoimento pessoal acrescentando impressões colhidas no desempenho deste mister.

Quando eleito Corregedor Geral da Justiça para o biênio 1990/1991, fui, como dito, chamado para compor sua equipe formada por Juizes escolhidos e que tenho, neste momento, a alegria e honra de nomear:



Helio Lobo Júnior, Ruy Coppola, Vanderlei Aparecido Borges, prematuramente falecido, Avelino César de Assunção, Aroldo Mendes Viotti, Célio de Melo Almada Filho, Francisco Antonio Bianco Neto, Geraldo Francisco Pinheiro Franco, Kioitsi Chicuta, Manoel Mattos Faria, Maria Adelaide de Campos França, Ricardo Cintra Torres de Carvalho, Ricardo Mair Anafe e Vito Guglielmi.

Antes, eu só o conhecia pela leitura de seus votos, nos quais demonstrava todo cuidado que se exige do julgador sério e consciente de sua nobre missão.

Constituída a equipe, já na primeira reunião o Corregedor Geral eleito mostrou que a relevância da função judicante e por consequência a postura do juiz, eram, dentre outras, as suas principais preocupações.

E para bem avaliar o desempenho do magistrado e seu conceito perante a comunidade – repetia ele – fazia-se necessário a presença do Corregedor Geral nas respectivas comarcas, sempre acompanhado dos juízes que o auxiliavam nessa tarefa.

Nisso – faço questão de lembrar – deu continuidade ao excelente trabalho de seu antecessor, o eminente Desembargador e Corregedor Geral, MILTON EVARISTO DOS SANTOS.

Nesse convívio diário, é que vim a conhecer de perto e em toda a sua plenitude, o Desembargador ONEI RAPHAEL.

Não media ele esforços para tornar real a sua presença pessoal em todas as Comarcas do Estado, fossem elas próximas ou distantes da Capital.

Era invejável sua disposição para percorrer longas distâncias, sempre com o propósito de tornar presente a Corregedoria Geral em todos os rincões do Estado.

Dentre as suas múltiplas funções, a exigir permanente aperfeiçoamento das atividades correcionais, uma, a meu juízo se destacou ao exigir – não para sua satisfação pessoal – mas para enaltecer a relevância da Instituição, a presença das autoridades constituídas da Comarca que então visitava.

Fazia questão de instalar de modo oficial e solene os trabalhos da correição, reunindo todas as autoridades e funcionários cartorários da Comarca, seguindo-se a explicação do significado da visita. Nessas ocasiões também não posso deixar de destacar a operosidade do nosso colega de equipe, Célio de Mello Almada Filho, o Celinho, que tudo provia, seguido por todos os juízes auxiliares que o acompanhavam.

Este procedimento, reiterado em todas as visitas correcionais, sem nenhuma dúvida dava e deu visibilidade e prestígio à Corregedoria Geral, que desta forma não passava despercebida de outros segmentos da sociedade local.

A equipe de correições, como gostava de lembrar o nosso homenageado, a partir de então, tinha olhos para ver e ouvidos para ouvir todas as queixas e dificuldades dos serviços forenses, judiciais e extrajudiciais.

E sua preocupação ia muito além do aperfeiçoamento dos serviços cartorários.

Interessava-lhe igualmente e muito, a integridade moral do magistrado e o conceito que desfrutava na comunidade em que servia. Dele exigia firmeza de caráter, a refletir identidade de condutas entre sua vida pública e sua vida privada. Não transigia com princípios que idealizava para a formação de um homem digno, a refletir sempre e sempre na figura de um magistrado igualmente digno e cumpridor de seus deveres.

Tudo isso tinha a ver até mesmo com o modo como o juiz se vestia, exigindo sobriedade e uso obrigatório de paletó e gravata no período de trabalho. O uso da toga, em boa hora, tomou-se obrigatória logo a seguir, resgatando a dignidade de sua simbologia.

Firme nas atitudes e determinado nos objetivos, interessava ao Corregedor Geral a solução pronta e imediata dos problemas que chegavam ao seu conhecimento, sempre e sempre na defesa intransigente da magistratura bandeirante.

De sangue quente, como ele mesmo costumava dizer, era na divergência e no embate de ideias que ele mais crescia.

Não era dado fugir de discussões.



Viveu intensamente o período que lhe foi confiado como Corregedor Geral, buscando sempre e incessantemente a valorização do juiz e o respeito que se lhe deve tributar.

Assim era o Desembargador homenageado enquanto magistrado e homem de seu tempo, muito bem descrito pelo Presidente Nalini e assim foi sua passagem pela Corregedoria Geral de Justiça, cujas considerações agora feitas, acredito, têm também o aval de toda a sua equipe, o que coloca e confirma o Desembargador ONEI RAPHAEL entre aqueles seus pares que fizeram a história do nosso honrado TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE SÃO PAULO.

O sobrinho do homenageado, **José Ruben Marone**, foi escolhido para falar em nome da família. “Acompanhei meu tio em sua carreira como magistrado e a sua excelente equipe, muitos dela aqui presentes. A Magistratura é fantástica e o meu tio é um grande representante dela. Homem de temperamento forte, são-paulino ferrenho. Onde quer que se envolvesse, ia até às últimas consequências. Não era perfeito, mas era um homem completo.”

O presidente da Corte, desembargador **José Renato Nalini**, disse que é preciso cultivar a memória daqueles que marcaram história. “Esses encontros têm sido emocionantes. Eventos como esse são bons para mostrar à juventude que o Tribunal de Justiça não começou aqui, mas com sementes maravilhosas. Tenho certeza que onde o desembargador Onei estiver, estará contente hoje”, finalizou.

Apesar de não conseguir comparecer ao evento, o ministro do Superior Tribunal de Justiça (STJ), Sidnei Beneti, também rendeu suas homenagens por meio de mensagem: “Grande magistrado e ser humano, de quem fui funcionário, homem de extrema dedicação à Justiça e grandiosa generosidade. Sempre me ensinou e ajudou em todos os momentos da minha vida – um orgulho e uma honra ter tido a amizade do querido e inesquecível Onei Raphael.”

O evento também foi prestigiado pelo vice-presidente do TJSP, desembargador Eros Piceli; pelo corregedor-geral da Justiça, desembargador José Carlos Gonçalves Xavier de Aquino; pelos presidentes das seções de Direito Público, Privado e Criminal, desembargadores Ricardo Mair Anafe, Artur Marques da Silva e Geraldo Francisco Pinheiro Franco, respectivamente; pelo presidente do Instituto Paulista de Magistrados, desembargador Jeferson Moreira de Carvalho; pelo presidente da Academia Paulista de Magistrados, desembargador Renato de Salles Abreu Filho; pelo vice-presidente do Conselho Consultivo, Orientador e Fiscal da Associação Paulista de Magistrados (Apamagis), desembargador Renzo Leonardi, representando o presidente da Associação; pelo ex-vice-presidente do TJSP, desembargador Marco César Müller Valente; pelo chefe de gabinete da Presidência do TJSP e decano da Academia Paulista de Letras, poeta Paulo Bomfim; pela senhora Guiomar Milan Sartori Oricchio (viúva do homenageado), além de demais familiares, magistrados, juízes, advogados, servidores e autoridades civis e militares.

